

A LITERATURA ANTES DA LITERATURA

LITERATURE BEFORE LITERATURE

Souza, Roberto Acízelo de (Org.). *Do mito das musas à razão das Letras: textos seminais para os estudos literários (século VIII a.C. – século XVIII)*. Chapecó: Argos, 2014.

Pedro Mandagará (UnB)¹

O livro organizado por Roberto Acízelo de Souza se apresenta como um volume imenso, de mais de mil páginas em formato grande, com um efeito visual aproximado ao de um dicionário. Este é a segunda antologia organizada pelo autor que faz um histórico de textos relevantes aos estudos literários. Na primeira, a também grandiosa *Uma ideia moderna de literatura* (2011), Souza reuniu autores relevantes para o surgimento da ideia de literatura conforme a temos hoje, ligada a elementos como a criação individual, a autoria, a originalidade, a ficcionalidade, etc – parâmetros que formularam um padrão de literário que, mesmo difuso, é reconhecível por todos nós, pós-românticos. A antologia de 2011 tem como limite temporal a data de 1922, talvez indicando que as vanguardas do início do século XX, ou, no caso brasileiro, o que chamamos de Modernismo, estivessem a indicar e romper os limites da ideia de literatura.

A nova antologia, *Do mito das musas à razão das Letras*, evita, por razões sólidas, o vocábulo *literatura* no seu título. No subtítulo, pode-se compreender que se está em frente a uma reunião de textos caracterizados como *seminais* para os estudos literários. Trata-se, portanto, da semente da qual, posteriormente, irá brotar algo a ser chamado estudos literários – estes ainda não existem no amplo recorte temporal

¹ Professor Adjunto de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília. Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: pedromandagara@unb.br

escolhido pela antologia (de Homero até o século XVIII). Há uma razão para tanto cuidado na escolha do título e subtítulo. Lendo o conjunto de textos selecionados, assim como a apresentação escrita pelo organizador e as notas eruditas que acompanham o texto, fica claro que o sistema conceitual que rege este longo *continuum* histórico é completamente diverso dos conceitos que modernos e pós-modernos usaram para pensar a literatura. Não há, de fato, algo comparável ao que se chama atualmente de literatura, e mesmo a palavra demorará a existir. O que existe são gêneros específicos (a tragédia, a comédia, a epopeia, o ditirambo), que eventualmente poderão ser englobados em algumas categorias mais amplas (como a poesia). Seu estudo e sua prática passam por tradições paralelas que em alguns momentos convergem, tradições que receberão os nomes convencionais de *retórica* e *poética*.

Como parece evidente que ocorreria num percurso de dois mil e seiscentos anos de reflexão, as temáticas e perspectivas de abordagem são muito diversas. De especial interesse para os que trabalham dentro da área malfadadamente chamada de Literatura Brasileira são os textos dos séculos XVII e XVIII. Tenho trabalhado alguns destes textos na disciplina chamada Literatura Brasileira – Barroco e Arcadismo, dentro do curso de Letras da Universidade de Brasília. Estes textos têm ajudado os alunos a compreender por que o professor insiste no caráter anacrônico e, em última instância, ficcional do nome da disciplina – ou por que, ao tratar da produção escrita do período colonial, não se fala exatamente de literatura, nem de Brasil – e de por que Barroco não existe e a classificação Arcadismo é, digamos, inadequada.

Nenhum destes fatores é novidade para quem está atualizado com a produção mais recente sobre literatura colonial. Os melhores trabalhos sobre o período, como os de Ivan Teixeira, João Adolfo Hansen e Alcir Pécora, insistem a cada momento na desautomatização dos critérios românticos para a leitura dos textos dos séculos XVI, XVII e XVIII. Infelizmente, a tradição de leitura deste período sob o signo do nacional continua forte dentro das faculdades de Letras, tanto nos currículos (é o caso da UnB), como na prática docente.

Na antologia de Acízelo de Souza, pode-se ler, lado a lado, seleções de trechos do *Novo método de estudar* (1746), de Luís Antônio Verney, das *Artes poéticas* de Candido Lusitano (1748) e Filinto Elísio (1790), e da epístola de Silva Alvarenga a Basílio da Gama (1772), que também recebeu do organizador o título de *Arte poética*. A justaposição de nomes indica que a divisão das literaturas entre portuguesa e brasileira, mesmo no período arcádico, não é mais que anacronismo. Ao se lerem textos como a *Arte poética* (1765), de Francisco de Pina e Melo, pode-se facilmente reconhecer o quanto textos lidos tradicionalmente sob o signo do nativismo estão dentro de paradigmas comuns aos do Reino. O poema de Pina e Melo, que está recolhido integralmente na antologia, trata a fundo de diversos gêneros, incluindo o épico. Lendo-o, percebe-se que a presença da natureza brasileira no *Caramuru*, por exemplo, pode ser lida como necessidade do *maravilhoso*, “pois sem ele / Não pode haver poesia deleitável” (Souza, 2014, p. 398).

Não é só para cursos de literatura colonial, porém, que a antologia organizada por Souza pode servir. Há inúmeras questões relevantes ainda hoje para os estudos literários que já vinham sendo debatidas há séculos. A releitura (ou, no mais das vezes, a leitura) de textos que trataram anteriormente dessas questões pode

ser muito proveitosa para a discussão atual. É o caso, por exemplo, da eterna discussão sobre o caráter mimético ou representacional da arte ou da literatura. Ao acompanharmos, desde Platão e Aristóteles, a transformação e releitura dos conceitos dessa família (*mimesis*, imitação, emulação, representação), temos uma visão muito mais rica da questão.

Este é também o caso da teoria da interpretação. No seu livro clássico de 1981, *O inconsciente político*, Fredric Jameson recuperou a tradição da hermenêutica bíblica medieval para os estudos literários, como suporte para sua defesa da possibilidade de uma leitura alegórica (política) da literatura. Muitos trabalhos posteriores, ao tratarem brevemente dos quatro níveis desta hermenêutica (literal, alegórico, moral e anagógico), usam apenas o próprio Jameson como referência, deixando de lado os textos originais. Lendo estes textos, como os de Tomás de Aquino e de Dante Alighieri presentes na antologia, podemos acompanhar uma polêmica viva sobre os limites da interpretação, que ainda tem muito o que dizer.

A antologia se organiza em sete partes. A primeira, “As concepções míticas”, concentra-se em autores da Antiguidade Clássica, especialmente grega – o único romano é Ovídio. Nesta seção, as Musas aparecem de forma recorrente, em seleções de textos como a *Odisseia*, de Homero, ou dos fragmentos de Empédocles. A filosofia de Platão, quando aparece nesta seção, é ligada ao pensamento mítico.

A segunda parte, “As regras de composição”, volta-se ao desenvolvimento dos campos da retórica e da poética. Aqui, a dominação inicial é latina – da pseudo-ciceriana *Retórica a Herênio* às *Instituições Oratórias*, de Quintiliano. A reflexão grega sobre ambos os campos, incluindo Platão e Aristóteles, está em outra parte da antologia. Os textos restantes desta parte dão conta do período entre os séculos XII e XVIII, incluindo seleções de textos importantes como o *Sermão da Sexagésima*, do Padre Antonio Vieira, e a *Arte poética*, de Filinto Elísio, assim como a edição integral de alguns textos, como a *Arte poética* de Boileau.

A curta terceira parte, “Os procedimentos crítico-analíticos”, volta de novo a gregos e latinos, de Aristófanes a Quintiliano, mas nos apresenta algo da reflexão imediatamente posterior, incluindo seleções preciosas de Santo Agostinho (séc. V) e Isidoro de Sevilha (séc. VII). Textos distantes no tempo e espaço (Dante, Pope e De La Motte) completam esta parte.

A também curta quarta parte, “Os gêneros”, inclui textos preciosos para esta temática, incluindo uma seleção do *Discurso sobre o poema dramático*, de Corneille. A curtíssima quinta parte, “Os ordenamentos historiográficos”, compõe-se de apenas três textos, dois deles latinos e uma seleção da *Arte poética*, de Candido Lusitano.

A sexta parte, “A reflexão filosófica”, volta a englobar boa parte do período histórico abrangido pela antologia. Nela encontramos mais de cem páginas de seleções de Platão, assim como boas seleções da *Retórica* e da *Poética* de Aristóteles. Aparecem textos latinos, de Longino a Luciano, assim como textos medievais e renascentistas, incluindo uma preciosa seleção de trechos curtos e importantes da *Suma teológica*, de São Tomás de Aquino. Francis Bacon, Baltasar Gracián e Joseph Addison são alguns dos muitos nomes que ainda aparecem nesta parte da antologia. A seção termina com um trecho do *Laocoonte*, de Lessing. O livro ainda conta com uma sétima parte, novamente curta, chamada “A querela entre antigos e modernos”, que tenta dar conta desta polêmica que dividiu o século XVIII.

Concluo ressaltando a relevância do esforço capitaneado pelo organizador da obra. Além de recolher muitas traduções antigas e já fora de catálogo, a equipe reunida por Roberto Acízelo de Souza empreendeu um bom número de traduções de textos inéditos (e boas traduções, diga-se). Senão por todo o resto, somente o acesso a estes textos novos já seria uma razão para comemorar a edição desta antologia.

REFERÊNCIAS

Souza, Roberto Acízelo de (org). *Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1688-1922)*. Chapecó: Arg

RESENHA RECEBIDA EM 12/11/2016 E APROVADO EM 13/01/2017